



# Análise do discurso de dois dicionários bilíngues português – espanhol à luz da Linguística Sistêmico Funcional e da Análise Crítica do Discurso

## Discourse Analysis of Two Portuguese - Spanish Bilingual Dictionaries by the Functional Systemic Linguistics and Critical Discourse Analysis Theories

*Ivan Pereira de SOUZA\**

---

**RESUMO:** Os dicionários, antes de oferecer significados, têm seu próprio significado. O objetivo deste estudo foi testar a aplicação da teoria Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) aliada a Análise Crítica do Discurso (ACD) na análise do discurso de dois dicionários bilíngues português–espanhol/espanhol–português usados em escolas de ensino fundamental e médio em uma região do Brasil. Para tanto, observou-se os elementos textuais dos dicionários e aplicou-se um modelo de análise baseado nas três variáveis do discurso (campo, relação e modo) no contexto de situação. Espera-se com isso avaliar a pertinência dos modelos teóricos usados na análise e oferecer uma visão discursiva, nem por isso menos lexical sobre dicionários usados para o ensino de língua estrangeira.

**PALAVRAS-CHAVE:** Análise de dicionários. Linguística sistêmico-funcional. Análise crítica do discurso. Dicionário bilíngue português-espanhol.

---

**ABSTRACT:** Dictionaries, before offering meanings, have their own meaning. The objective of this study was to test the application of the Systemic-Functional Linguistics theory (SFL) and the Critical Discourse Analysis (CDA) in the discourse analysis of two Portuguese - Spanish / Spanish - Portuguese bilingual dictionaries used in primary and secondary schools in a region of Brazil. To do so, it was observed the textual elements of the dictionaries and applied an analysis model based on the three variables of the discourse (field, relation and mode) in situation context. It is intended to evaluate the pertinence of the theoretical models used in the analysis and to offer a discursive view, not less lexical, about the dictionaries used for teaching foreign languages.

**KEYWORDS:** Analysis of dictionaries. Systemic-functional linguistics. Critical discourse analysis. Bilingual Portuguese-Spanish dictionary.

---

\* Docente de Língua Espanhola (UFPA); doutorando em Estudos da Tradução (UFSC). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2432-2130>. [tradutor.ivan@gmail.com](mailto:tradutor.ivan@gmail.com)

## 1 Introdução

Os dicionários geralmente são livros. Diriam alguns não iniciados que o livro é maior que um texto. Neste artigo, o dicionário é considerado um texto<sup>1</sup> e, como tal, ele pode ser analisado segundo quantos critérios, métodos ou abordagens que estejam disponíveis. Para este estudo, a teoria Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) aliada à Análise Crítica do Discurso (ACD) servirão de base para um experimento: a análise discursiva de dicionários bilíngues português–espanhol/espanhol–português, usados em escolas de ensino fundamental e médio, na região mais populosa do norte do Brasil.

O dicionário é um repertório de significados. Contudo, é o todo que interessa. Foram analisados neste estudo dois títulos facilmente encontrados nas bibliotecas de escolas públicas da região nordeste do estado do Pará, seguindo o critério de maior quantidade de exemplares disponíveis nessas bibliotecas, e que servem ao estudo inicial de espanhol para estrangeiros nessa região do país. São eles: o *Michaelis minidicionário espanhol–português/português–espanhol*, da editora Melhoramentos e o *Dicionário Santillana para estudantes espanhol–português/português–espanhol*, da editora Moderna, reunidos aqui como dicionários bilíngues pedagógicos<sup>2</sup>.

Vale ressaltar que as críticas aqui suscitadas durante a análise são direcionadas à obra e aos responsáveis por sua edição, e que em nenhum momento terá caráter avaliativo ou taxativo sobre os lexicógrafos, profissionais envolvidos nessa empreitada densa, exaustiva e não isenta de equívocos, seja de natureza técnica ou teórica. Paraphraseando Humblé (2008), enquanto os dicionários monolíngues gozam de confiabilidade prévia e de prestígio nacional, o dicionário bilíngue, por se reconhecer a mão do homem, é questionado cada vez que é usado.

---

<sup>1</sup> Premissa afirmada, entre outros, em Mattes e Bugueño-Miranda (2015)

<sup>2</sup> Considera-se aqui a classificação de dicionários conforme o número de línguas: dicionários monolíngues e plurilíngues. Para Haensch (1997, p.52), os plurilíngues por sua vez se dividem entre bilíngues e multilíngues. Esta pesquisa considera os dois dicionários sobrescritos como dicionários bilíngues para aprendizagem de línguas estrangeiras. Hartmann & James (2002), classificariam DS como dicionário semibilíngue.

Por fim, pensando no amadurecimento da ciência linguística no nosso país, as bases teóricas que nortearam as análises foram extraídas não do original, mas de estudos que nos brindaram com traduções da LSF e da ACD para o português. Ao final, pretende-se oferecer uma visão discursiva, nem por isso menos lexical, sobre os dicionários, essas importantes ferramentas para o ensino de língua estrangeira e, que poderá ser avaliada por analistas do discurso e (espero) lexicógrafos e terminógrafos.

## 2 Fundamentação teórica

### 2.1 A Linguística Sistêmica e Funcional

Para os que possam não estar familiarizados com a teoria e com os conceitos de Halliday, ou Fairclough (o que de forma alguma é um desagravo, porque deve-se ao fato de raras vezes os estudos em Lexicografia lançarem mão dessas teorias ou de similares para empreender novos métodos de análise senão, de desenvolvimento de metodologias), a teoria da Linguística Sistêmica e Funcional (LSF), que também é um método, começou a ser apresentada em *An introduction to functional grammar*, em 1985, por Halliday, revisada em 1994 e 2004, essa última com a colaboração de Matthiessen. Definindo em poucas palavras

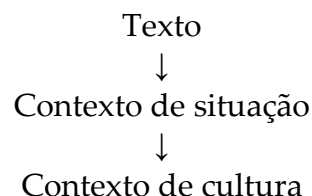
“(...) ela é sistêmica porque vê a língua como uma rede de sistemas lingüísticos (sic) interligados, dos quais nos servimos para construir significados, fazer coisas no mundo. É funcional porque explica as estruturas gramaticais em relação ao significado, às funções que a linguagem desempenha no texto.” (FUZER; CABRAL, 2014, p. 19)

“Fazer coisas no mundo” implica, portanto, uma teoria, sobretudo, social, “porque parte da sociedade e da situação de uso para o estudo da linguagem” (BARBARA; MACEDO, 2009, p.90), mas também semiótica, “porque se preocupa com a linguagem em todas as suas manifestações” (p. 90). Essa articulação entre sistema e uso não é totalmente estranha. Desde Saussure (1916) com sua *langue* e *parole*, passando

por Chomsky (1965) e sua *competência e desempenho*, o paradigma permanece vivo e intrigante. O uso que fazemos da língua que adquirimos retroalimenta o que continuamos adquirindo, aprimorando e refinando nossas escolhas para o dizer, ou nas palavras de Halliday, incorporadas por Barbara e Macedo:

A interação entre língua, linguagem e sociedade coloca a LSF num contexto pós moderno (sic) no qual adquire um conceito diferente daquele tradicionalmente dado à linguística. Na linguística tradicional, parte-se da estrutura, da forma, - da língua -, separado do uso ou do significado, portanto, não da linguagem como um todo. A LSF também se preocupa com a estrutura, uma vez que o estudo da estrutura da comunicação é necessário para se entender o significado das mensagens geradas na linguagem. Porém, de acordo com essa teoria, o significado é determinante da forma. Conforme as necessidades dos falantes em contextos específicos, são as escolhas no que tange às formas que expressam os significados desejados. Componentes fundamentais do significado na linguagem são, portanto, componentes funcionais. (BARBARA; MACEDO, 2009, p. 91)

No texto original de Halliday é apresentado um esquema, também traduzido por Fuzer e Cabral (2014, p. 26), em que o autor dimensiona o uso da linguagem em níveis de conjunto: parte da Fonologia, que está contida no nível léxico-gramatical que, por sua vez, está contido no nível semântico que, por fim, encerra-se no nível contextual, isto é, exclusivamente social. Esse é o *texto em contexto* (2014, p. 26). Ainda segundo as autoras, se usarmos essa perspectiva para olhar o texto como contexto, veremos uma estrutura dimensionada em outros três níveis de grandeza linguística:



Dessa forma, percebe-se o texto naturalmente alienado aos níveis linguísticos, dotado de um compromisso objetivo com o contexto geral da cultura. Assim, é o

contexto de situação que mediará a relação entre a letra e o mundo, ou em termos mais técnicos, entre a língua e o seu lugar de ser. Por sua vez, o contexto de situação apresenta três variáveis que devem caracterizar um contexto. Segundo Barbara e Macedo (2009, p. 91) e também Fuzer e Cabral (2014, p. 29-30), essas variáveis são:

- O **campo do discurso**, ou sobre o que a interação trata;
- As **relações do discurso**, ou os papéis desempenhados, e as relações interpessoais presentes no discurso e
- O **modo do discurso**, ou como a língua é organizada para atingir os objetivos aos quais se destina.

Segundo o próprio Halliday (*apud* BARBARA; MACEDO, 2009),

cada uma dessas variáveis contextuais está relacionada a cada uma de três metafunções da linguagem, já conhecidas pelos linguistas: **campo** do discurso é expresso pela metafunção **ideacional**; a **relação** entre os participantes é expressa pela metafunção **interpessoal** e o **modo** do discurso é expresso pela metafunção **textual**. (p. 91)

## 2.2 Análise Crítica do Discurso

A exemplo do que foi feito com a LSF, quando se optou, para este trabalho, usar as bases teóricas não de seus originais, mas estudos em língua portuguesa, a apresentação dos pressupostos da Análise Crítica do Discurso (ACD) terão como referência os estudos de José Luiz Meurer. Esse segundo método/teoria também obedece aos propósitos do experimento, pois uma vez dimensionados alcance da linguagem e função social do texto analisado, uma análise crítica complementa a análise contextual mais ainda além do papel, implicando questões como sujeito, política e sociedade, já que, segundo Meurer (2005), os proponentes dessa teoria estão certos de que

questões sociais e políticas-chave tem um caráter parcialmente linguístico discursivo” (FAIRCLOUGH & WODAK, 1997, p. 271) e de que o estudo de questões linguístico-discursivas com base na ACD pode revelar aspectos importantes da vida social. Assim, ao analisar textos criticamente não estão interessados apenas no texto em si, mas em questões sociais que incluem maneiras de representar a “realidade”, manifestações de identidades e relações de poder no mundo contemporâneo. (MEURER, 2005, p. 81)

Alicerçado na breve caracterização da LSF, introduzida acima, e da ACD, pode-se fazer algumas perguntas a fim de testar sua pertinência para a análise do nosso objeto, por exemplo, o que esse modelo de análise, aplicada ao nosso objeto pode revelar em termos de discurso? Primeiramente, segundo seus pensadores, essa teoria serve a qualquer sujeito, seja qual for o objetivo da análise; em segundo, permite descrever a língua e a linguagem em toda sua amplitude de forma e de significado.

### 3 Metodologia

Já é tempo de justificar porque foram escolhidas como modelo de análise para este experimento as teorias da Linguística Sistêmico-Funcional e Análise Crítica do Discurso. Para observar o que o dicionário diz como texto, é necessário recorrer ao aporte de elementos analíticos do gênero, do texto e do discurso. Os modelos para análise de dicionários fornecidos pela Metalexigrafia contemplam, por exemplo, nomenclatura, organização, etiquetagem, enfim, problemas decorrentes da prática lexicográfica.

Depois de muita reflexão, decidiu-se por considerar também a influência da teoria de Halliday sobre a Linguística Aplicada, embora não tenha sido encontrado quem ousasse aplicá-la<sup>3</sup> em gêneros muito distantes dos convencionalmente

---

<sup>3</sup> Até o encerramento da pesquisa não foram encontrados estudos semelhantes conciliando os referidos: teoria, método e objeto definido aqui.

explorados por analistas do discurso (propagandas ou comunicação informal), suas origens encorajam a tentativa, pois uma de suas aplicações é a de “escrever estudo de referência em qualquer língua - dicionários e gramáticas (GHIO; FERNANDEZ, 2008, p. 12-13 *apud* FUZER; CABRAL, 2014, p. 26). Por fim, “utiliza um método detalhado de análise de texto em contexto, que permite explicar, com um alto grau de objetividade, como os indivíduos usam a língua e como a linguagem é estruturada em seus diferentes usos para produzir significado” (HALLIDAY, 1991a; 1991b, *apud* BARBARA; MACEDO, 2009, p. 95). Pois, como as autoras caracterizaram, a linguística sistêmico-funcional

é uma teoria integrada da linguagem que atende às preocupações do Círculo de Praga, daqueles que foram os primeiros linguistas do mundo moderno abrangendo todo o ocidente, da Rússia aos Estados Unidos, em que estavam presentes, desde seu organizador Mathesius, Jakobson, antropólogos como Malinowski e Boas, a Peirce e Saussure. É também um instrumento de análise especialmente útil a linguistas aplicados e outros cientistas preocupados em explicar fenômenos sociais, ou psicológicos, uma vez que são poucos os fenômenos, caso haja algum, que não se manifestam por meio da linguagem. Enfim, ela serve de instrumento de trabalho a todo analista da sociedade. (BARBARA; MACEDO, 2009, p. 95)

Para responder à pergunta formulada parágrafos acima, é importante, e prudente, chamar atenção para o trabalho já citado de Humblé (2008), *O discurso do dicionário*. Nesse texto o autor aborda questões muito relevantes: em uma nada ambiciosa e breve história dos dicionários afirma que o dicionário bilíngue é anterior ao monolíngue. Nada estranho se compreendermos minimamente que em períodos remotos da história ocidental a tradução era assunto político e/ou econômico, vindo a incorporar-se aos interesses de filólogos e de linguistas, depois de muito tempo ocupando os antropólogos. O que escapou a Humblé foi que o primeiro dicionário da língua portuguesa, o tricentenário *Vocabulário latino-português*, de D. Rafael de Bluteau, de 1712, poderia ter sido um exemplo deles. Porém, ainda que apresente equivalências

em latim, o Vocabulário de Bluteau, como é conhecido, é evocado como um dicionário de língua e como todo dicionário de língua ele é intocável, ou como ironiza Humblé, “O dicionário não precisa ser estudado, porque ele ‘contêm e manda’” (2008, p. 320). E quanto aos dicionários bilíngues? Segundo ele, e conforme já foi mencionado na introdução deste artigo,

trata-se de um caso levemente diferente. Estes, sim, carregam a marca da mão humana, apesar de serem muitas vezes publicados sem nome (*sic*) de autor. O dicionário bilíngue tem um objetivo. Ele tem, portanto, um autor. A secreta opinião pública é a de que estes dicionários são feitos por sujeitos bilíngues que, fazendo uma seleção nos dicionários monolíngues, traduzem as palavras mais usadas. Há dicionários bilíngues melhores que outros. (HUMBLÉ, 2008, p. 321)

E acrescenta

[...] Mas todos têm, mesmo para o leigo, falhas: o verbete é longo e só traz uma lista de palavras traduzidas sem explicação; falta “exatamente” a palavra que se procurava; abundam as abreviaturas crípticas. Ao querer dizer alguma coisa na língua estrangeira, o dicionário sempre sugere uma palavra logo censurada pelo falante nativo ou pelo professor: “neste caso, diz o nativo, não falaríamos assim, diríamos...”. São poucos os dicionários bilíngues que contam com a irrestrita aprovação do usuário. (HUMBLÉ, 2008, p. 221-222)

Em síntese, o capítulo de Humblé conclui, entre outras coisas, que dicionário com boa reputação é dicionário de uso (e com uso), com exemplos de uso reais. A língua em uso deve ter preferência na análise. Não é disso que trata a LSF? A importância dos exemplos de uso, das rubricas ou das abonações é tema central nos estudos de Lexicologia, Lexicografia e Terminologia, sobretudo na França, na Espanha, em Portugal e, claro, no Brasil. No entanto nosso trabalho se distancia dos objetivos de Humblé para o seu Discurso do Dicionário, à medida que este estudo se delimita em experimentar um modelo de Análise do Discurso para analisar dois dicionários



bilíngues, de forte apelo comercial, considerando as variáveis do contexto de situação, quais sejam, campo, relação e modo.

Eis então a permissão empírica que dá sinal verde para esse experimento. Apesar das lições de Francisco Borba na pós-graduação da Unesp sobre avaliação de dicionários, onde essas obras eram dissecadas, sua anatomia descrita, sua fisiologia compreendida, o sentido de tudo sempre residiu na intenção de quem propõe uma obra dessas e com qual propósito o faz. Hoje, não menos que àquela época, reconhecer o dicionário como gênero discursivo é mais fácil (já que Bakhtin se popularizou muito nas últimas décadas no Brasil. Ainda assim preferimos Fairclough), difícil é vê-lo como texto, não o texto de suas definições e suas abonações, mas sua totalidade como um texto, pois é latente a necessidade de um emissor e de um receptor. Quem seriam? A resposta é fácil e complicada, por isso vamos analisar os dicionários também segundo uma teoria sobre gênero: a Análise Crítica do Discurso. Dessa forma, pode-se responder o que pretende quem escreve e o que querem que encontre quem consulta. Ainda sobre a questão do gênero, os dicionários caracterizam um gênero próprio, historicamente respeitoso e seu comportamento relativamente estático denuncia responsabilidades e perigosas mazelas. Uma abordagem que não admite ingenuidade.

Primeiro é preciso definir esse conceito de gênero. Segundo Meurer,

o termo gênero é usado por Fairclough para designar um conjunto de convenções relativamente estável que é associado com, e parcialmente realiza, um tipo de atividade socialmente aprovado (2001 A, p. 161). Além disso, “um gênero implica não somente um tipo particular de texto, mas também processos particulares de produção, distribuição e consumo de textos.” (MEURER, 2005, p. 81-82)

Ainda de acordo com o autor, Fairclough não fez análise de gênero, tampouco sua teoria recebeu tratamento sistematizado, há que se visitar sua obra para encontrar um padrão ou um modelo claro, no entanto existem bases (MEURER, 2005, p. 82-83) que a orientam:

- A linguagem como prática social;
- O poder constitutivo da linguagem;
- Os textos sempre oferecem traços e pista;
- As relações de poder existentes;
- O trabalho ideológico;
- A corrente que segue e onde está localizado historicamente e
- Sua função emancipatória ou libertária.

É com base nelas e, observando a natureza dialética desse tipo de abordagem, que “se estabelece uma vertente metodológica, que procura especificar como os textos serão analisados, sob quatro perspectivas: A) Descritiva, interpretativa e explicativa; B) Análise da primeira dimensão (ou do texto); C) Análise da segunda dimensão (ou da prática discursiva) e D) Análise da terceira dimensão (ou das práticas sociais)” (MEURER, 2005, p. 83).

O discurso do dicionário bilíngue pode ser analisado segundo seu tamanho, seu preço, seu conteúdo, mas é na sua apresentação, seja na capa ou no prefácio assinado, que se encontram elementos suficientes para interpretar e explicar questões sobre o uso, a produção, a interpretação; o mercado editorial, o aprendiz e o tradutor. Abaixo segue a descrição dos dicionários selecionados para o experimento. Na sequência, serão apresentadas as análises segundo a LSF e a ACD.

#### 4 Os dicionários

Os dois exemplares analisados estão em formato impresso. Atualmente as editoras disponibilizam versão virtual (eletrônica e online) de ambas as obras.

O primeiro dicionário selecionado para análise é o *Michaelis minidicionário espanhol-português/português-espanhol*, (DM) da editora Melhoramentos, 2ª edição, de

2009. A primeira edição saiu em 2007 em São Paulo. A amostra é da 5ª reimpressão e data de 2013. Na capa, além do nome e da especificação, ainda consta: *Nova ortografia conforme o acordo ortográfico 1990*.

O Sumário consta *Prefácio; organização do dicionário, transcrição fonética do espanhol; transcrição fonética do português; abreviaturas usadas neste dicionário; verbetes espanhol-português/verbetes português-espanhol; apêndice: conjugação dos verbos em espanhol; conjugação dos verbos em português; numerais; conversação*.

O Prefácio diz:

O Michaelis Minidicionário Espanhol Contém mais de 18 mil verbetes, elaborado de acordo com as normas lingüísticas (sic) atuais “Levando-se em consideração também as tendências e expressão da linguagem coloquial”. Para isso, contou com a colaboração de profissionais que têm o espanhol como primeira língua.

A grafia das palavras em português segue O Vocabulário ortográfico da Língua Portuguesa (VOLP, 5ª Ed., março de 2009), respeitando as modificações introduzidas pelo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (veja explicações sobre o acordo a seguir).

Na tentativa de abranger o máximo de informações, os verbetes apresentam a seguinte estrutura: entrada com separação silábica, transcrição fonética, classe gramatical, área de conhecimento e acepções mais comuns.

Assim, este dicionário se propõe a despertar no estudante brasileiro a percepção para o rico vocabulário espanhol, com as informações importantes e necessárias ao domínio do idioma.

A editora

Como está organizado esse dicionário. Nesse caso, como se apresenta o verbete:

1. Ordem alfabética
2. Entrada
3. Transcrição fonética
4. Classe gramatical
5. Área de conhecimento
6. Tradução

Na contracapa se lê:

Especialmente criados por brasileiros que estudam a língua espanhola, este dicionário contém mais de 18.000 verbetes e abrange o vocabulário essencial para o uso correto desse idioma (...)

Indicação de uso diferenciado de uma mesma palavra nos diversos países de língua espanhola.

O segundo dicionário que foi analisado é o *Dicionário Santillana para estudantes espanhol-português/português-espanhol* (DS). Em sua 2ª edição, que foi publicada em São Paulo pela editora Moderna em 2008. Assinam a autoria Miguel Diaz e García – Talavera.

O Sumário consta *Apresentação; como está estruturado este dicionário; lista de abreviaturas utilizadas neste dicionário; o alfabeto espanhol; seção espanhol – português; glossário temático ilustrado; seção português – espanhol; apêndice; modelos de conjugação verbal em espanhol.*

Na apresentação diz:

Não é fácil a tarefa de elaborar um dicionário Espanhol – português /português – espanhol. A riqueza de ambas as línguas, suas origens (grega, latina, germana e árabe), a igualdade, identidade ou semelhança de muitos vocábulos – às vezes com igual definição, outras com significados diferentes, quase sempre múltiplos, em uma e outra língua – exigem uma cuidadosa análise e uma apresentação correta da definição de cada vocábulo.

Idealizamos este dicionário como um instrumento orientado a facilitar aos estudantes brasileiros a compreensão da língua espanhola. Seus dois corpora, Espanhol – português /português – espanhol, servem a essa intenção, ainda que, como acontece geralmente entre os dicionários bilíngües (sic), seja dado maior destaque à língua que se está aprendendo, em nosso caso, o espanhol.

Concluimos que a simples transcrição de palavras de uma língua a outra, sobretudo no âmbito do espanhol para o português, pouco esclarece a quem consulta um dicionário. Por isso optamos por oferecer de maneira sucinta, o(s) significado(s) ou acepção(ões) de cada vocábulo, o que, se em algum caso não é indispensável, nunca será supérfluo. Assim, em vez de apresentar verbetes como, por exemplo:

**Coetáneo**, a, adj. Coetáneo, a.

Cuja estrutura não atende às necessidades daqueles que não sabem o significado de *coetâneo*, estabelecemos a seguinte estrutura:

**Co.e.tá.ne.o**, a. adj. Da mesma idade, da mesma época ou do mesmo tempo. Contemporâneo. > Coetâneo

Dessa forma o consulente entenderá o significado da palavra, mesmo que não a conheça em português.

No caso de vocábulos que apresentam inúmeras definições selecionamos a(s) acepção (ões) que com maior frequência (sic) se empregam na linguagem oral ou escrita, em detrimento às de menor frequência (sic).

Acrescentamos sinônimos a algumas entradas, ou seja, aos vocábulos que encabeçam o verbete, o que enriquece o vocabulário básico do dicionário e amplia o conhecimento lexical do usuário.

Muitos verbetes apresentam locuções, refrãos ou expressões idiomáticas, de uso corrente nas linguagens coloquial ou familiar e formal, cujo conhecimento era, sem dúvida, proveitoso.

Além disso, esta nova edição do dicionário, revista e ampliada, incorpora muitos dos vocábulos mais frequentemente (sic) utilizados no contexto de ensino/aprendizado do espanhol como língua estrangeira no Brasil, bem como nos materiais didáticos usados atualmente nas salas de aula, sendo assim uma valiosa ferramenta para o estudante.

São apresentados também o alfabeto espanhol, em sua estrutura atual, modelos de conjugação para os verbos em espanhol contidos na obra, bem como apêndices organizados segundo critérios semânticos e discursivos, como o campo léxico das profissões ou do lazer, ou o gênero comunicativo das cartas escritas.

Como está organizado esse dicionário.

#### A. Visualização da página

1. Numeração da página
2. Palavras-guia
3. Verbetes
4. Boxes com estruturas comunicativas

#### B. Apresentação dos verbetes

Sessão português – espanhol

1. Cabeça do verbete
2. Classe gramatical

3. Remissão ao modelo de conjugação verbal
4. Rubrica
5. Número da definição
6. Definição
7. Remissão
8. Equivalência em português
9. Exemplo de uso
10. Informações adicionais
11. Locuções
12. Falsos cognatos
13. Abreviaturas

Além disso, o dicionário ainda apresenta um glossário temático com termos sobre o clima, os esportes e as profissões, imagens para algumas unidades léxicas lemas e um apêndice com lista de países e de nacionalidades, números e uma sessão de comunicação escrita em espanhol.

Na contracapa se lê:

Dicionário Santillana para estudantes, uma ferramenta indispensável para o estudo de espanhol.  
Nova edição totalmente revisada e atualizada  
Novos apêndices  
Novas páginas temáticas ilustradas em quatro cores  
CD-ROM com dicionário completo e atividades interativas  
Adaptado a reforma ortográfica da Língua portuguesa  
Especialmente desenvolvido para estudantes nos níveis básico e intermediário  
Variantes ibéricas e hispano-americanas  
Divisão silábica  
Marcação de tonicidade  
Indicação de falsos cognatos  
Quadros com fórmulas comunicativas  
Remissão ao modelo de conjugação  
38.000 palavras, locuções e exemplos  
17 apêndices e glossários temáticos

## 5. Resultados

### 5.1 Segundo a LSF

Uma vez apresentada a descrição que precede à análise, foi estabelecido que essa corresponderia às variáveis do contexto de situação, como já fora anunciado: o campo, a relação e o modo. Compreende-se aqui como Campo a obra de referência, de consulta, de descrição/prescrição, de ferramenta de tradução, de compreensão textual e de produção textual; quanto à Relação, ainda obra de referência, editora, mercado, consulente, leitor ou escritor, consumidor e aprendiz; e o Modo como texto escrito virtual ou impresso, de orientação prescritiva. Foi elaborada uma tabela para facilitar a visualização de cada variável e das principais características de ambas as obras.

Quadro 1 – análise dos dicionários segundo contexto de situação.

	<b>Michaelis Minidicionário</b>	<b>Dicionário Santillana</b>
<b>Campo</b>	Dicionário escolar, bilíngue, minidicionário.	Dicionário escolar, bilíngue, pequeno dicionário.
<b>Relação</b>	Apelo comercial: atualização do texto segundo a reforma ortográfica vigente; prefácio ressalta a quantidade de verbetes, elaborado segundo as normas; o máximo de informações possíveis, mas quanto à forma; objetiva despertar o estudante para a percepção do vocabulário estrangeiro; definições sobre equivalência; informações importantes e necessárias ao domínio do idioma; especialmente criado para estudantes brasileiros que estudam a língua espanhola; indicação de variedades da língua; material extra essencial ao próprio texto.	Apelo didático: enfatiza que é destinado a estudantes; apresentação elenca problemas linguísticos que merecem atenção; facilitar ao estudante brasileiro a compreensão da língua espanhola; destaque para a língua que se está aprendendo; suas definições se baseiam em uso ( <i>corpora</i> ); definições didáticas; atenção às locuções ou às expressões idiomáticas; o contexto de ensino/aprendizagem é evidente; material extra que acrescenta ao próprio texto, com base em informações extrínsecas.
<b>Modo</b>	Impresso e virtual	Impresso e virtual

## 5.2 Segundo a ACD

A fim de garantir a progressão deste texto e auxiliar o leitor para o restante da análise, optou-se por aplicar a Análise Crítica do Discurso fazendo correspondência com a tabela acima das variáveis do contexto de situação da LSF, sobre a qual serão devidamente descritas, interpretadas e explicadas as três dimensões de Fairclough.

Sobre a variável *Campo do discurso*, os dicionários refletem a mesma situação. Ambos são dicionários escolares, bilíngues, de pequeno ou mínimo porte. Evidente que o tamanho representa um consenso entre editor e consumidor: comodidade e economia. O DM custa entre R\$ 16 e R\$ 32; e o DS em torno de R\$ 37,80 a R\$ 42<sup>4</sup>. E tem que caber na mochila.

A *Relação* entre os participantes do discurso é o grande diferencial, o que pode ser comprovado nos textos de apresentação. Enquanto no DM os objetivos são audaciosos, o produto não é, tampouco o prefácio chama a atenção para a propriedades lexicográficas de macro e microestruturas. Já o DS tem objetivos mais realistas, nem por isso modestos, porém seu produto é bastante ao seu propósito. Além disso, o sistema de remissivas mostra como amenizar a selva labiríntica das questões semânticas. Por ser baseado em *corpus*, o DS define não só a escolha dos lemas, respeitando critérios de uso e de ocorrência, como, também, oferece exemplos autênticos. O prefácio do DM foi provavelmente escrito por publicitários. Na apresentação do DS é notória a mão do lexicógrafo.

Enquanto no DM o apelo ao consumidor é comercial, valendo-se da atualização do texto segundo a reforma ortográfica mais atualíssima, o que faz bastante sentido quando admitimos que as inúmeras reformas ortográficas pelas quais passa qualquer idioma moderno, mal faz suspirar um profissional linguista, no entanto, para o público leigo, em especial profissionais que lidam com produção escrita, é um evento

---

<sup>4</sup> Média entre os preços em Real (R\$) das livrarias, dos sebos virtuais e das lojas de departamento, em 3/08/2017.



cataclísmico, digno assim, de ser usado como argumento em favor da aquisição ou não de um livro, ainda mais um livro de referência. Elaborado segundo as normas é o mínimo para um material de referência. O DS apresenta um apelo mais educacional, nem por isso menos comercial, e enfatiza que é destinado a estudantes. O prefácio ou apresentação é o lugar onde o editor ou o dicionarista fala diretamente com o seu consulente. Será que vale ressaltar aí a quantidade de verbetes? O DM conta com 18 mil e o DS com 38 mil.

O DM afirma apresentar o máximo de informações possíveis, entretanto, a grande maioria dessas informações dizem respeito à forma. No DS a apresentação elenca problemas linguísticos que merecem atenção e, enquanto objetiva facilitar ao estudante brasileiro a compreensão da língua espanhola, o DM, especialmente criado para estudantes brasileiros, busca despertá-los para a percepção do vocabulário estrangeiro. No entanto, para fazê-lo apresenta definições sobre equivalência; afirma também conter informações importantes e necessárias ao domínio do idioma, um pouco contraditório para somente despertar o aprendiz.

O DS afirma dar destaque para a língua que se está aprendendo. Além do mais, afirma que suas definições se baseiam em uso, pois foi elaborado a partir de *corpora*. Verdadeiramente as definições são, digamos didáticas, pois dá especial atenção a locuções ou a expressões idiomáticas em contexto, sobretudo, além de contemplar as variedades da língua espanhola, que é sabidamente colossal. O DM também não esquece isso e apresenta indicação de variedades da língua, porém é o contexto de ensino/aprendizagem, evidente no DS que parece proporcionar mais informações úteis tanto à produção quanto à compreensão textual. Sobre o material extra que disponibilizam, o DS só acrescenta ao texto, fazendo uso de informações extrínsecas e campo semântico. Já o DM, seu material extra é tão útil ao texto em contexto quanto à gramática.

Quanto ao *modo*, as duas obras contam tanto com edições impressas quanto virtuais, acopladas em forma de *CD-ROM* ou com chave para baixar aplicativo. Novos tempos.

Para efeito de síntese dos principais pontos analisados à luz da ACD, foi elaborado um quadro comparativo:

Quadro 2 – análise dos dicionários por contexto de situação segundo ACD.

	<b>Michaelis Minidicionário</b>	<b>Dicionário Santillana</b>
<b>Campo</b>	Dicionário escolar, bilíngue, minidicionário.	Dicionário escolar, bilíngue, pequeno dicionário.
<b>Relação</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- escolar, bilíngue, de pequeno porte;</li> <li>- objetivos audaciosos incoerente com o conteúdo;</li> <li>- não apresenta base científica;</li> <li>- forte apelo comercial;</li> <li>- nomenclatura: 18 mil;</li> <li>- informação léxica baseada na forma.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- escolar, semibilíngue, de pequeno porte;</li> <li>- objetivos mais coerentes com o conteúdo;</li> <li>- apresenta base científica;</li> <li>- forte apelo educacional;</li> <li>Nomenclatura: 38 mil;</li> <li>- informação léxica baseada no uso.</li> </ul>
<b>Modo</b>	Impresso e virtual	Impresso e virtual

## 6 Considerações finais

Como foi dito e lembrado muitas vezes durante este artigo, minha intenção sempre foi de testar um método de análise pouco convencional para o texto dicionário – a Linguística Sistêmico-Funcional aliada a Análise Crítica do Discurso – para perscrutar um objeto frequentemente analisado por outros meios, seja por especialistas no exercício de sua função (perspectiva científica), seja por consulentes nos momentos de aflição. Os objetivos foram atingidos com satisfação. Tanto a LSF quanto a ACD nos garantem a liberdade, com responsabilidade, de aprofundar determinados discursos, principalmente de um texto como o dicionário, em que o discurso muitas vezes esconde outras funções, transformado o contexto de situação um ambiente rico em

informação e, algumas vezes, contradições. Nenhuma verdade lexical foi corrompida ou infringida.

Nenhum dicionário foi ferido ou maltratado durante o experimento. A eles, e aos seus autores, vivos ou mortos, fantasmas ou não, recebam o agradecimento pelo sempre conveniente presente que é uma obra de consulta linguística. Mais que isso, os dicionários são nossos tutores, os maldizemos, os glorificamos, afinal eles nos intimidam. Deve ser por serem o único livro de nossa estante que ao olharmos, olhamos de volta. Aquela pequena parte da língua que podemos levar na bolsa.

### Referências

BARBARA, L.; MACEDO, C. M. M. Linguística Sistêmico-Funcional para a Análise de Discurso: um panorama introdutório. **Cadernos de linguagem e sociedade**, v. 10, p. 89-107, 2009. DOI <https://doi.org/10.26512/les.v10i1.9278>

BLUTEAU, R. **Vocabulário Portuguez e Latino**, 1712.

CHOMSKY, N. **Aspectos da teoria da sintaxe**. Massachusetts: University of Cambridge, 1965.

**Dicionário Santillana para estudantes Espanhol-português/português-espanhol**. 2ª Edição São Paulo: Moderna, 2008.

FUZER, C.; CABRAL, S. R. S. **Introdução à gramática sistêmico-funcional em língua portuguesa**. Campinas: Mercado de Letras, 2014.

HAENSCH, G. **Los diccionarios españoles em el umbral del siglo XXI**. Salamanca: Universidad de Salamanca, 1997.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. **An introduction to functional grammar**. London: Routledge, 2004.

HARTMANN, R. R. K.; JAMES, G. **Dictionary of lexicography**. New York: Routledge, 2002. DOI <https://doi.org/10.4324/9780203017685>

HUMBLÉ, F. O Discurso do Dicionário. *In*: CALDAS-COUTHARD, C. R.; SCLIAR, L. C. (org.) **Desvendando discursos**: conceitos básicos. Florianópolis: Ed. Da UFSC, p. 318-343, 2008.

MATTES, M. G.; BUGUEÑO MIRANDA, F. V. **Por que um dicionário é um texto**. Gragoatá (UFF), v. 20, p. 91-110, 2015.

MEURER, J. L. Gêneros textuais na análise crítica de Fairclough. *In*: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (org.). **Gêneros**: teorias, métodos, debates. São Paulo: Parábola, p. 81-106, 2005.

**Michaelis minidicionário espanhol-português/português-espanhol**. Melhoramentos. 2ª Edição. São Paulo, 2009 (1ª edição 2007).

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 1976.

Artigo recebido em: 30.05.2019

Artigo aprovado em: 17.11.2019